



5º Simposio de Ensino de Graduação

A TEMÁTICA DA MORTE NAS OBRAS: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE E

Autor(es)

NILZA YOLANDA RUIZ LEITE RIBEIRO

Orientador(es)

Josiane Maria de Souza

1. Introdução

O estudo crítico da literatura muito tem contribuído para o melhor entendimento e compreensão dos diferentes períodos literários. Além disso, revela e descreve os diferentes recursos lingüísticos utilizados pelos autores, com o propósito de desvendar a riqueza artística das diferentes obras. Assim, considerando a suma importância dos estudos literários, tomaremos como base o período contemporâneo, que traz uma riqueza singular de diferentes correntes literárias, dentre elas o Realismo Fantástico, que caracteriza uma das principais marcas da literatura contemporânea. E como representante deste período escolhemos dois autores: o consagrado José Saramago, considerado atualmente um dos maiores representantes da literatura contemporânea portuguesa, e Mia Couto, autor moçambicano que se tornou nestes últimos anos um dos ficcionistas mais conhecidos dentro da literatura de língua portuguesa. O seu trabalho sobre a língua permite-lhe obter uma grande expressividade, por meio da qual comunica aos leitores todo o drama da vida em Moçambique após a independência. Embora o Realismo Fantástico tenha tido como precursor o escritor cubano Alejo Carpentier, através do romance *O reino deste mundo* (1949), em cujo prefácio discutia o chamado “real maravilhoso americano”, que segundo Chiampi se caracteriza pela, “união de elementos díspares precedentes de culturas heterogêneas, e configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental” (CHIAMPI, 1980 p.32). Após a referida publicação, o Realismo Fantástico teve prosseguimento e foi sendo solidificado com a publicação de diferentes obras tais como, *O jogo da amarelinha* (1963), do argentino Julio Cortázar; *Cem anos de solidão* (1967) e *O outono do patriarca* (1975), do colombiano Gabriel García Márquez. As quais além de chamar a atenção do público mundial, consolidaram o gênero, afirma Caldeira. Considerando a relevância do Realismo Fantástico na literatura contemporânea e a presença marcante nas duas obras, analisaremos os livros: *As intermitências da morte* (2005) de José Saramago e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) de Mia Couto. Ambas as obras revelam de forma irônica e fantástica a postura crítica dos dois autores sobre a temática da morte.

2. Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre duas obras contemporâneas, *As intermitências da morte* (2005) do autor português José Saramago e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) do autor moçambicano Mia Couto. Sabemos que o período contemporâneo não fundou nem definiu especificamente os traços de uma escola literária. Podemos assim dizer que este período está composto por diferentes tendências, fruto das diversas correntes vanguardistas que surgiram após o movimento simbolista, tais como o modernismo, o futurismo, o neo-realismo, o surrealismo entre outras. Desta forma, a análise das obras visará ressaltar as principais marcas literárias que cada uma delas realça em seu texto narrativo, dando ênfase no desenvolvimento da temática sobre a morte, bem como a presença do Realismo Fantástico abordado nas duas obras.

3. Desenvolvimento

Foram analisadas as duas obras partindo da hipótese interpretativa que ambas utilizam a mesma temática, como fio condutor da narrativa, a morte. Outra característica apreciada no decorrer da análise é a fusão do fantástico e do maravilhoso entrelaçados com as situações que demarcam a realidade dentro da narrativa. Este artifício é sem dúvida um dos principais recursos utilizados pelos romancistas contemporâneos.

4. Resultados

O livro *As intermitências da morte* inicia com a seguinte frase: “No dia seguinte ninguém morreu.” E prossegue a narrativa com a descrição dos fatos que ocorreram após a morte, ter deixado de prestar os seus serviços à comunidade local de um determinado país, a partir do primeiro dia do ano. A escolha do autor pela temática da morte é que origina todo o encadeamento da narrativa. Embora esse tema já tenha sido profundamente explorado por diversos autores, Saramago leva o leitor a refletir o seu aspecto contrário, isto é, o não morrer. O que a princípio pode ser visto como a tábua de salvação para todos os males, o autor revela o outro lado da moeda, isto é todos os problemas que ela, a tão temerosa morte causaria, se deixasse de prestar os seus funestos serviços. No desenrolar dos diferentes fatos ocorridos no país fictício, o autor vai revelando que a morte apesar de ter sido acusada de: “ímpiedosa, cruel, tirana, malvada, sanguinária, vampira, imperatriz do mal, drácula de saias, inimiga do gênero humano, desleal, assassina, traidora, serial killer...”. Ela é o que podemos dizer de um verdadeiro mal necessário. Para contar essa fantástica história em que, a morte, sem deixar qualquer tipo de explicação ou aviso, simplesmente não cumpre mais sua missão de retirar a vida dos seres humanos, o autor praticamente divide a sua obra em duas partes. Na primeira delas, o narrador relata os principais acontecimentos que ocorreram no país fictício, após a morte ter cessado suas atividades, e todos os desdobramentos que tal fato propiciou. A segunda parte do romance, o autor-narrador vai deixando de lado as questões que dizem respeito ao restabelecimento da ordem do país, e passa a descrever, personificar e classificar a tão temida morte. O romance de Mia Couto, apesar de também estar centrado na mesma temática da morte, o autor trabalha diferentemente com as palavras, resultando em uma narrativa mais leve e poética do que o rebuscamento de Saramago. Além disso, o pano de fundo utilizado por Couto é bastante diferente, pois apesar de tratar também de uma história que trabalha o fantástico e o surreal, o ambiente retratado é uma ilha Luar-do-Chão, que conhecendo a vida e obra do autor, mais uma vez busca representar as marcas de sua terra natal, Moçambique, além retratar um pouco a história e os costumes de sua gente. Apesar dessas diferenças podemos apontar vários elos em comum entre as duas obras. Um deles é o fato da morte aparecer suspensa, parada, sem ação. Como já apresentamos na obra de Saramago ela ficou ausente por sete meses. Já no romance de Mia Couto, ela permanece suspensa somente para o Avô Dito Mariano, pois apesar de seu neto ter sido chamado de volta a sua terra natal, para dirigir o funeral do patriarca ou munumuzana, na língua da Ilha, que significa o homem mais velho da família. Este por sua vez, apresenta-se em estado cataléptico, e esse misterioso estado perdura até os momentos finais da narrativa. Vejamos algumas passagens do livro que retratam essa “transição” entre a vida e a morte: “Enquanto vivo se dizia morto. Agora que falecera ele teimava em não morrer completamente.”(Couto 2003, p. 37) “Aquela não era uma morte, o comum fim de viagem. O falecido estava com dificuldade de transição, encravado na fronteira entre os mundos.”(Couto 2003, p. 41) Desde que Mariano embarca rumo à sua terra

natal Luar-do-Chão, a viagem já vai sendo recheada de misteriosos encontros, como aquele em que conhece a velha Miserinha, a qual revela possuir profundos conhecimentos sobre sua terra e da vida de Mariano, uma vez que, o autor vai mesclando a vida das personagens com a própria vida da Ilha como se eles e ela formassem uma coisa só. Todos os personagens revelam no decorrer da narrativa grandes histórias, como por exemplo, a do Padre Nunes e a história sobre o enigmático burro que fez da igreja sua morada, por ser o único sobrevivente do mais terrível naufrágio ocorrido na Ilha. Ou a da misteriosa e bela Nyembeti, irmã do coveiro Curozero Muando, que era incapaz de falar e possuía hábitos estranhos à maioria. Interessante é observar, como vários dos personagens que apresentam algum aspecto misterioso a ser revelado, a morte está direta ou indiretamente relacionada. Indicando-a muitas vezes como forma de purificação, ou como meio de transformação para atingir um estado espiritual “com poderes sobre os vivos”. Vários aspectos apontados do romance revelam personagens com uma descrição psicológica profunda, representando símbolos de diversas formas de existência e lutas humanas. As mulheres transparecem nas lembranças do antigos romances, que culminam em tragédias submersas no rio. Já os homens mostram-se sensíveis diante das transformações e ameaças iminentes da Ilha. Por meio deles o autor trabalha o desencanto diante da independência conquistada, da tradição que se imaginara assegurada, misturado ao temor da perda de Nyumba-Kaya, morada absoluta dos vivos e dos antepassados. Podemos afirmar que as duas obras analisadas utilizam à mesma temática, como fio condutor da narrativa, a morte. Embora, cada uma delas aborda aspectos distintos e parte de pontos diferentes. Na obra de Saramago *As intermitências da morte*, a narrativa é conduzida por um narrador onisciente relatando toda a problemática instaurada em um país fictício pelo fato insólito da morte ter cessado suas atividades. Já no romance de Mia Couto, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, a morte do avô da personagem principal, chamado Mariano, é que conduz a volta do neto a sua terra natal, com o intuito dele conhecer melhor suas raízes e sua própria história. E, à medida que o mesmo for descobrindo os mistérios que envolvem a sua família e sua gente, o protagonista do romance poderá sanar as feridas familiares que refletem a vida de um povo abandonado, após um difícil período colonialista. Como podemos ver, as obras partem de aspectos diferentes, enquanto Mia Couto inicia de um caso particular, a morte do Avô Dito Mariano, ponto de partida para o desenrolar de toda a narrativa, que no transcorrer do seu percurso, trilha por um universo dominado pela espiritualidade e pela descrição cultural de um povo. Conforme a personagem vai descortinando esse universo frágil e ameaçado, ele redescobre uma outra história para a sua própria vida e para sua terra. Assim, o autor parte de um caso específico, para chegar a questões mais amplas e genéricas que caracterizam a vivência e as crenças de um país e seu povo, que apesar de dar-lhe o nome fictício de Luar-do-Chão, entende-se que o autor faz desse relato fantástico uma alusão ao seu país natal, Moçambique. Por outro lado, a obra de Saramago segue um caminho inverso, já que ele parte da narração de um fato geral que atingiu todo um país, e termina a obra relatando a personificação da própria morte. Poderíamos dizer que Saramago parte do todo para as partes, ao contrário de Mia Couto que direciona a sua narrativa de uma parte para o todo.

5. Considerações Finais

Como foi possível constatar, as duas obras analisadas apresentam vários pontos em comum. Em primeiro lugar, temos nas duas obras a utilização da mesma temática, a morte, e nas mesmas ela se apresenta de forma suspensa, parada, e sem ação. Em segundo lugar, ambas tratam a questão da morte de forma mais profunda e reflexiva deixando de lado a questão mais fisiológica e natural. Tanto Saramago como Couto se utilizam do tema, para fazer profundas reflexões e críticas sobre os diferentes assuntos que circundam as condições de vida do ser humano, na sociedade contemporânea. Saramago se atem aos temas como a religião; as novas formas e uso do poder como a utilização da mídia; a decadência das oligarquias monárquicas; as perigosas manobras utilizadas pelos novos governantes; e o futuro incerto da velhice. Além disso, questiona se valerá mesmo a pena, se algum dia o ser humano atingir a imortalidade, mantendo as mesmas estruturas sociais em que o ser humano cada vez mais se encerra na sua individualidade e indiferença. De forma diferente, Couto com sua linguagem mais leve e poética, conduz ao leitor a mergulhar na ilha Luar-do-Chão e em todos os seus mistérios que ela encerra. Guiados pelo personagem Mariano, neto do patriarca Dito Mariano, desvela as lendas e culturas de um povo sofrido e castigado pela guerra. O

neto sem saber que na verdade ele era o filho mais amado e querido do munumuzana, representa a esperança e a perpetuação de seu povo e suas crenças. Desta forma, o escritor moçambicano utiliza-se da cultura de seu povo para transportar o leitor ao um mundo governado pelas leis do maravilhoso. E ao desvendar as feridas encarnadas em suas personagens, o autor espelha a complexidade psicológica do ser humano, e os seus entraves no relacionamento com o outro, seja ele no seu aspecto amoroso, político, religioso e social.

Referências Bibliográficas

- CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1980
COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Companhia das Letras. São Paulo. 2003.
SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. Companhia das Letras. São Paulo. 2005.